



Redacção e Administração
Chão de Couce — Telef. 191-Avelar

ÓRGÃO INTERPAROQUIAL



Cada um de nós deve estar certo de que a sua própria vida é, para Deus, mais importante que a existência das estrelas do Céu. O coração e o destino de cada um de nós é, para Deus, o centro do mundo.

GUARDINI

EDITORIAL

DESCRENÇA e Testemunho Cristão

A FIRMA a constituição «A Igreja e o Mundo contemporâneo» que o ateísmo se situa «entre os factos mais graves do mundo actual».

Há duas formas de ateísmo: o que renega Deus, A PRIORI, para ter pulso livre, para justificar todo o seu egoísmo e orgulho, e o que, a despeito duma busca honesta mas infrutífera (por mal esclarecida ou por não conseguir superar o ambiente hostil), conclui — quantas vezes com mágoa! — que Deus não existe.

São muitas as causas do ateísmo mas a Constituição diz-nos que os próprios crentes, têm, também, responsabilidade pois ele surge por vezes, nalguns países cristãos, como reacção crítica «contra a religião cristã».

Afirma o referido documento que os crentes podem ter parte não pequena na génese do ateísmo na medida em que mostram negligência na educação da sua fé, apresentam exposições falaciosas da doutrina, ou, ainda, apresentam deficiente vida religiosa, moral e social, antes escondendo do que revelando o rosto autêntico de Deus e da religião verdadeira.

(Continua na pág. 6)

PELOURINHOS E FORAIS DAS CINCO VILAS E AREGA

AVELAR

D. Manuel I deu foral a Avelar, em Lisboa, a 12 de Novembro de 1514. Por decreto de 1836 foi extinto o concelho de Avelar, e a vila integrada como freguesia no então concelho de Chão de Couce.

A memorar as suas antigas glórias lá está o pelourinho velho e venerado monumento.

CHÃO DE COUCE

Foi vila e sede de concelho com foral outorgado por D. Manuel I, a 12 de Novembro de 1514.

O concelho foi extinto em 24 de Outubro de 1855 e a vila integrada como freguesia no concelho de Figueiró dos Vinhos, donde passou para o de Ansião.

MAÇAS DE D. MARIA

D. Manuel I deu-lhe foral a 12 de Novembro de 1514. Foi vila e sede de concelho, este extinto em 1836, restaurado em 1837. Só em 1855 é que foi suprimido definitivamente.

Ainda conserva o seu pelourinho como recordação do que foi.

AGUDA

Teve foral dado por D. Manuel I, a 12 de Novembro de 1514. Foi vila e concelho. Tendo este sido extinto

em 1836, e transferido para o extinto concelho de Maças de D. Maria, onde permaneceu até 1855 ano em que passou para o de Figueiró dos Vinhos. Pela sua extinção a vila de Aguda baixou para freguesia.

Ainda existem fragmentos do seu antigo pelourinho.

POUSAFLORES

Foi elevada à categoria de vila por D. Manuel I que lhe concedeu foral a 12 de Novembro de 1514.

Foi sede de concelho com câmara, pelourino e justiça até 1836 ano em que foi integrado no de Chão de Couce.

AREGA

Não chegou a receber foral antigo, nem novo, embora um e outro chegassem a estar prontos a serem expedidos. Arega foi vila e sede dum concelho extinto em 1836, tendo passado para o concelho de Maças de D. Maria. Com a extinção deste em 1855, passou a fazer parte do número de freguesias do concelho de Figueiró dos Vinhos.

(Do livro «Terras com foral ou pelourinho» por Correia de Azevedo. Compilação de M. Leal Júnior).



Eng. Adriano Marques

Concluiu o seu curso, licenciando-se na Universidade Técnica de Lisboa o sr. Eng. Adriano Marques, natural de Lemeirão (Chão de Couce), filho do sr. José Marques Júnior e de sua esposa sr.ª Adelaide de Jesus.

Antigo empregado de escritório da firma Santos & Marques, Lda, de que seu pai é sócio, formou-se graças ao seu extraordinário espírito de trabalho e aos seus comprovados dotes de inteligência.

O sr. Engenheiro Adriano Marques que goza no nosso meio das maiores simpatias, foi festivamente recebido no dia 2 do corrente, sen-

(Continua na pág. 7)

Atropelamento mortal

No Pontão, freguesia de Chão de Couce, foi atropelado mortalmente por uma camioneta de passageiros, Manuel Anastácio, de 13 anos, filho do sr. António Anastácio e da sr.ª Maria da Conceição Carrasqueiro, do lugar de Santo António, da freguesia de S. Tiago da Guarda, concelho de Ansião. A vítima viajou naquele veículo até ao referido lugar do Pontão, onde se apeou. Depois, inadvertidamente, passou pela frente do mesmo, no preciso momento em que ele arrancava, sendo colhido, sem que o respectivo motorista de tal se apercebesse. Transportado ao hospital de Ansião, recebeu ali os primeiros socorros, sendo depois transportado para os Hospitais da Universidade, onde poucos momentos mais teve de vida.

O próximo número ..

...do nosso jornal do mês de Dezembro publicar-se-á com 4 páginas, dado que o presente é de 8.

Crónica da Aldeia

Um duelo de gigantes

JA ouvistes como o Abílio Carriço, por alcunha o Tudi-faz, papou a comezaina ao Braxo das Chãs, e ainda por cima operou à conta dele o famoso milagre de curar do mau olhado o filho da tia Joaquina. Pois ouvi agora o resto.

Primeiro que tudo, haveis de saber uma coisa, e é que se juntaram aqui a fome com a vontade de comer. Por um lado, a tia Joaquina, temendo as iras do marido, se a visse metida em bruxedos, calou a consulta que mandara fazer ao benito e propalou aos quatro ventos que o milagre fora obra do Carriço. Este, por outro lado, ia confessando, com aparente modéstia, que sim, que na verdade ele é que tinha aviado a receita maravilhosa, que o bruxo não tinha aí metido prego nem estopa, como pensavam alguns

patetas — dizia. E à socapa revelava até a patuscada da merendola, surripada ao curandeiro.

Convergindo, pois, no mesmo curso, estas duas caudalosas torrentes já se está a ver como a fama do Carriço foi crescendo de mar a monte. E começaram então a chover-lhe os pedidos de receitas para todos os males, e juntamente os bons petiscos, oferecidos de antemão, porque, advertia ele, candeia que vai adiante alumia duas vezes.

As receitas lá as amanhava conforme os casos, tendo sempre em mente, que os ingredientes não fossem nocivos, mas sim bem activos e drásticos, de modo que, só por si, já incutissem fé.

Tal paciente, por exemplo, mancava do reumatismo? Pois,

(Continua na pág. 6)

Minas de Gesso do Bairro

(próximo de Chão de Couce)

Encontro de «Voz de Cinco Vilas» com 1 Patrão e 10 Operários

REPORTAGEM NA PÁGINA 4

O Cristianismo é para os Homens Fortes

— disse Paulo VI

CIDADE DO VATICANO — Antes de dar a sua bênção aos fiéis reunidos na Praça de S. Pedro, o Papa Paulo VI referiu-se aos católicos coreanos martirizados pela fé, vinte e quatro dos quais foram proclamados bem-aventurados pelo Santo Padre.

«O exemplo dos mártires, humildes e grandes, confundem-nos» — afirmou Paulo VI, que prosseguiu:

«Hoje há quem tente tornar o Cristianismo fácil, sem ris-

co, sem sacrifício, sem cruz, talhando-o à medida das nossas comodidades e das nossas fraquezas de pensamento e de costumes. Muito pelo contrário, contudo, o Cristianismo é feito para os homens fortes. O sacrifício dos mártires não só de ontem, mas também de hoje (e quantos têm sofrido duramente pela sua fidelidade à Igreja precisamente nestes últimos anos), reconforta-nos e guia-nos, exorta-nos a imitar os seus magníficos exemplos.

AVELAR

Limpeza do Terreiro

Não sabemos a quem atribuir as culpas, mas o facto é notório: o Terreiro, a melhor praça da nossa terra (por enquanto muito pobre) oferece normalmente um aspecto deplorável. O lixo resultante das feiras e mercados de sábado ali fica ao sabor do vento e da chuva dias seguidos. Lá aparece de vez em quando o homem da vassoura, normalmente bastante tarde, e até acontece por vezes que ele junta e o vento espalha por não haver o cuidado de o apanhar seguidamente. Não falamos já das restantes ruas porque essas sabem o que é a limpeza uma vez por ano, se tanto. O nosso Avelar já merece das entidades competentes um pouco mais de atenção para que, na sua modéstia, se apresente mais asseado.

Casamento

No passado dia 19 de Outubro, no Santuário de Fátima, realizaram o seu casamento a Fernanda Maria Medeiros Ferreira e o António Pedro Falcão Moreira de Sousa. Esteve presente a fina flor de Avelar, representada pelas famílias de maior realce no meio. Outra coisa não seria de esperar, dada a simpatia de que gozam os noivos, bem como seus pais, os nossos particulares amigos sr. Joaquim Carvalho Moreira de Sousa e sua esposa D. Maria Clotilde Rego Falcão e sr. Manuel Alves Ferreira e D. Preciosa Nunes Brás. Foram padrinhos o sr. Armando Simões Fareiro e sua esposa D. Isaura Fernanda Pintassilgo por parte da noiva e o sr. Dr. Luís Alberto da Silva Moreira de Sousa e sua esposa D. Maria Rosa da Cruz Cunha Moreira de Sousa, por parte do noivo. Aqui fica mais um abraço de parabéns e votos de muitas felicidades para o jovem casal que fixou residência em Évora.

Novos Doutores

Concluíram a sua formatura respectivamente no Instituto Superior

Técnico e na Faculdade de Direito de Coimbra, os nossos bons amigos Engenheiro Adriano Marques e Dr. Luís Alberto da Silva Moreira de Sousa. É com a maior satisfação que damos a notícia e nos associamos à sua legítima alegria e de suas famílias. Parabéns.

Finados

Nos passados dias um e dois, milhares de pessoas visitaram as campas dos seus familiares no cemitério. Foi um correr de gente durante a tarde e a noite do dia um e todo o dia dois. Na Igreja celebraram-se missas de sufrágio pelas almas às 6,30 e às 9 horas, ambas muito concorridas, tendo-se realizado a romagem colectiva a seguir à primeira missa.

Novos Cristãos

Foram baptizados ultimamente na Igreja de Nossa Senhora da Guia: — Jorge Manuel de Almeida Silva, filho de Joaquim da Silva e de Virgínia da Conceição Almeida, da Tojeira; foram padrinhos: Abílio da Conceição Cruz Almeida e Maria Virgínia Peres Medeiros; — Anabela Mendes Ferreira, filha de José Simões Ferreira e de Rosa Maria Silva Mendes, da Rua da Escola; foram padrinhos Raúl Duarte da Silva Mendes e Maria Albertina Augusta Rosa da Silva; — Ivone Leonor Machado Neves da Gama, filha do sr. Dr. António Feio Neves da Gama e de D. Ivone Fernandes Machado da Gama, da Rua da Vila; foram padrinhos Dr. José Maria Serra Sanches da Gama e Dr.ª D. Maria Leonor Barata Feio da Gama, ambos de Coimbra; a pais e filhos envolvemos na mesma saudação.

Falecimento

Vítima de uma hemorragia cerebral, faleceu repentinamente na sua residência na Rapoula, Octávio Simões de Abreu, de 82 anos de idade, viúvo de Maria Carolina; à família, os nossos sentimentos e paz à sua alma.

Outra estrada relâmpago

Ainda mal tinha terminado a estrada do Furadouro ao Pereiro de Baixo, e já os homens e as máquinas preparavam o pavimento com alcatrão da 1.ª fase da estrada: Pedra d'Adega-Quinta dos Ciprestes. Está mais uma vez de parabéns a povoação do Povral. Não tinha ainda passado um ano, após a terraplanagem. Agora sim, o Povral deixou definitivamente de ser «ilhas».

Exames de Catecismo e Festa de Profissão de Fé

Nos dias 28 e 29 de Agosto tiveram lugar nesta paróquia os exames das crianças que es prepararam para a Profissão de Fé.

Foram presididos pelo Delegado Regional de Catequese, sr. Prior da Maçãs de D. Maria. Foram aprovadas as seguintes crianças:

Adílio Rosa dos Santos, do Pereiro de Baixo; Adriano Simões Marques, do Pereiro de Cima; Antonino da Luz Marques, da Portela de S. Lourenço; António Rodrigues Simões, da Ramalheira; Fernando Manuel do Carmo Henriques, de Lisboa; Fernando das Neves Mendes Ramos, das Galegas; Jacinto de Jesus Simões, do Pessegueiro; João Ferreira Gaspar Furtado, das Galegas; Joaquim das Neves Rosa, Mouta Redonda; José Ribeiro Gonçalves das Neves, do Murtal; Messias Rosa Fernandes, da Mouta Redonda; Miguel de Jesus Simões, de Pousaflores; Almeida Rodrigues Ribeiro, das Cavadas; Carmelinda Simões Gomes, do Pessegueiro; Ermelinda Rodrigues Alves, da Quinta dos Ciprestes; Jesulinda das Neves Luís, da Bairrada; Ilda de Jesus Rodrigues Tomé, da Charneca; Margarida da Conceição Fernandes, da Venda do Negro; Maria dos Anjos da Conceição Sousa, do Pinheiro; Maria Augusta de Jesus Simões, da Barreira; Maria Celeste Freire Correia, do Pessegueiro; Maria Emilia de Jesus Simões, da Portela de S. Caetano; Maria Fernanda da Luz Rosa, de Lisboa; Maria Fernanda Rosa Afonso, da Mouta Redonda; Maria da Graça da Conceição Teixeira, de Lisboa; Maria Gracinda Marques, do Pessegueiro; Maria de Fátima do Carmo Pinheiro.

POUSAFLORES

ro, de Lisboa; Maria Irene da Silva Lopes Dias, de S. João de Brito; Maria de Lurdes Gonçalves, da Ramalheira; Maria Madalena Marques Rodrigues, de Pousaflores; Maria Regina das Neves Luís, do Pessegueiro; Maria Rosa Gomes Marques, da Barreira e Maria Virgínia da Conceição Afonso, do Povral.

No dia 8 de Setembro, realizou-se a Fetsa da Profissão de Fé que decorreu em ambiente de muita piedade. Quase todos os pais das crianças se abeiraram da Sagrada Mesa ao lado de seus filhos. Em seguida à Santa Missa foi servida uma refeição junto à residência paroquial. Todas as catequistas estavam presentes. Foram distribuídas lembranças às crianças a recordar o seu dia grande. Mais uma vez o nosso querido amigo, sr. Professor Manuel da Silva se quis associar a esta festa, oferecendo aos alunos que melhor comportamento moral tiveram durante o ano e maior classificação alcançaram no exame de catecismo, exemplares do Novo Testamento.

Festa de S. Miguel

No dia 29 de Setembro, na capela do Pessegueiro realizou-se a festa em honra de S. Miguel. Constatou de Missa cantada, sermão e procissão. Presidiu o Rev.º Capelão, sr. P.º Filipe Antunes dos Santos, visto o nosso pároco se ter ausentado a descansar uns dias na sua terra natal. Abrihantou a festa a aparelhagem sonora da igreja de Almoester. Segundo nos consta tudo decorreu na melhor ordem.

Casamentos

No dia 20 de Outubro, na capela do Anjo da Guarda, desta paróquia, contraíram matrimónio os nubentes José das Neves Veríssimo, do lugar de Lisboa e Maria Fernanda Luz Marques, do Pereiro de Cima. Foi celebrada Missa na referida capela por intenção dos noivos, tomando parte cerca de 100 pessoas. Testemunharam o acto os srs. José Matias e Virgílio Simões Pinheiro.

Os nossos parabéns.

— Também no dia 27, festa de Cristo-Rei, à Missa paroquial, se uniram em matrimónio, o nosso querido amigo João Marques Gomes e a menina Maria Teresa Marques.

Todos conhecem a Teresa de Pousaflores, que tão bem soube aproveitar a sua juventude até aos 28 anos, dando o melhor do seu esforço às obras da paróquia. Foi presidente da J. A. C. F. nos anos 1965-1966 e 1966-1967. Dedicou-se de alma e coração à obra da catequese. Era actualmente no sector da igreja paroquial, a catequista mais antiga. Entre os alunos a quem transmitiu a mensagem do Senhor, destacam-se um catequista,

o aluno do 5.º ano do liceu, José Rodrigues Neves e uma catequista, a menina Maria Helena Ferreira Marques que no dia 26 de Maio p. p., na concentração de catequistas em Chão de Couce, receberam das mãos do nosso Delegado regional, os diplomas de catequistas aspirantes. Teve ainda como aluno o estudante do 2.º ano de Direito da Universidade de Lisboa, António de Freitas Simões. É pena deixarmos tão cedo, pois irá muito brevemente para a Póvoa de Santa Iria, onde o seu marido é operário especializado numa fábrica belga de produtos químicos. Todas as moças da J. A. C. F. formadas em volta do seu estandarte, assistiram ao seu casamento. No fim da cerimónia religiosa, a actual presidente, em nome das suas companheiras, e uma pequenita, em nome das pré-jacistas, agradeceram à Teresa tudo quanto fez pela J. A. C. F., desejando ao novo lar muitas felicidades.

Testemunharam o acto, Manuel Marques e João Marques, respectivamente de Pousaflores e Lisboa. Também nós desejamos ao novo lar uma longa vida, sempre com a bênção do Senhor.

Missa e sermão de Acção de Graças

Foi com grande alegria que vimos pela primeira vez na nossa igreja no seu lugar habitual, após melindrosa operação cirúrgica na Clínica de Nossa Senhora das Dores, em Alvaizere, o querido amigo sr. Alfredo Caetano da Silva, ilustre vereador da nossa Câmara. Nesse dia, 3 de Novembro, uma Missa foi celebrada e um sermão pregado em honra de Nossa Senhora das Dores, em acção de graças pelo seu restabelecimento.

Fazemos votos pela continuação da sua saúde.

Aniversário Natalício

30 de Outubro de 1878 — 30 de Outubro de 1968. Neste dia completou 90 anos de idade a «Ti Hermínia Bértola» (Hermínia de Jesus), do lugar de Lisboa. É a veneranda Mãe do sr. Comendador Alberto M. Rosa. As 10 horas foi celebrada Missa na nossa igreja, em acção de graças por ter atingido tão bonita idade em perfeita lucidez de espírito. Tomou parte na Santa Missa, a ela recebendo a Sagrada Comunhão. O sr. Comendador quis comemorar esta data contemplando cerca de 50 pobres. Foi bastante numerosa a assistência, pois a Missa tinha ainda por fim pedir as bênçãos de Deus para o grande benfeitor da nossa freguesia. Bem haja o povo que deste modo mostrou a sua gratidão.

Para já rogamos ao Bom Deus, o Senhor da vida, que conceda mais um anito à Ti Hermínia, para podermos renovar igual pedido no próximo dia 30 de Outubro.

AGUDA

AGUDA DO PASSADO

PADRE JOSÉ LOPES DA ROCHA

Nasceu no lugar do Babelo, da freguesia de Aguda, no ano de 1872.

Era filho do sr. José Lopes da Rocha e da sr.ª Maria da Graça.

Muito novo foi matriculado no Seminário de Sernache do Bomjardim, onde com brilho tirou o curso, sendo ordenado e seguindo para África como missionário, onde se conservou bastantes anos, regressando definitivamente pelo ano de 1903, sendo portador de umas longas barbas que mais tarde mandou cortar.

Fixou a sua residência no lugar de Almofala de Baixo onde sempre acabou por viver e donde paroquiou as

freguesias de Aguda e Avelar.

Era bastante culto, ouvindo-se com grande agrado a sua palavra fluente. Faleceu em 21 de Agosto de 1939.

Os últimos anos passou-os na cama atacado de reumatismo gotoso. Fez parte do Conselho Municipal de Figueiró dos Vinhos quando era presidente o sr. Dr. Manuel Simões Barreiros.

A seguir: Padre Adelino Simões de Faria.

V. N. de Poiães, 17-10-1968, M. Leal Júnior

Festa de S. Simão

Realizou-se no domingo, 27 de Outubro, a tão antiga como concorrida festa de S. Simão, no seu santuário, situado no planalto das belas fragas do mesmo nome.

Foi este ano muito mais concor-

rida. Foram muitos os peregrinos que vieram de terras longínquas para cumprirem os seus votos.

A Missa foi cantada pelo grupo coral da freguesia.

A aparelhagem sonora do sr. Eduardo Estanqueiro deu-nos bela música regional, e depois transmitiu com nitidez e suavidade notáveis a actuação do Rancho «Flores da Granja do Ulmeiro», que muito agradou.

Fez a apresentação do mesmo o sr. Pires, distinto Presidente da Comissão de Turismo do nosso concelho.

Fê-lo num encantador improviso que foi muito apreciado.

Parabéns à digna Comissão das Festas que foi incansável.

Gesto digno de louvor

O sr. Aníbal Conceição Simões, encarregado do cemitério da nossa freguesia, com o produto de esmolas que lhe deram e ele agradece, manda celebrar missa, no domingo, 24 do corrente, em sufrágio daqueles cujos corpos estão sepultados no mesmo cemitério. Haverá também, sermão de almas, pelo sr. P.º Paiva, antigo pároco desta freguesia.

NOS SEUS TRABALHOS PREFIRA

JOSÉ MENDES

PINTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

AGENTE OFICIAL DAS TINTAS

Telefone 131

PONTÃO — AVELAR



MAIS UMA MÁRTIR DA PUREZA

Ana Delfina Costa Monteiro era uma linda menina de 13 anos, boa, piedosa e trabalhadora. Vivia no lugar do Fortunho, freguesia de São Tomé de Castelo, concelho de Vila Real de Trás-os-Montes. Seus pais Arlindo Costa do Souto e Ana da Conceição Costa Monteiro são humildes lavradores, que trabalham a terra e dela vivem.

Acompanhada de um irmão de 11 anos, António Joaquim, partiu a Ana Joaquina às 6 da madrugada do passado dia 16 de Junho para uns campos junto dum moninho, que dista 400 metros da casa dos pais. Seguiu a erva e deu-a em alimento ao gado. Terminado o trabalho preparava-se para ir à missa com seu irmãozito. Como não tinha relógio, demorou-se mais do que contava. Ao vê-la a velha moleira Luísa de Matos disse-lhe:

— É escusado ires. Já não chegas a tempo.

Triste e desanimada, a Ana Delfina disse ao irmão que apascentasse os animais. Ela seguiria para casa a preparar o almoço para a família. Vai só com a foice na mão pelo caminho no meio do pinhal.

José Joaquim de Matos, rapaz de 18 anos, moleiro de profissão, tinha ouvido a conversa da pequena com a sua avó, proprietária dum moinho no mesmo lugar. Conhecendo o caminho que a rapariguita seguia, corre por uns atalhos em sua perseguição. Aparece-lhe pela frente num sítio escuro conhecido por lugar de Penises. Quer levá-la para o mal, faz-lhe propostas vergonhosas, que ela rejeita corajosa e decididamente.

— Não! Não! Não! — grita a inocente rapariga que procura defender-se com a foice.

Senão quer ceder, morrerá. A pequena procurou fugir, mas o assassino tolhe-lhe os movimentos e com as mãos aperta-lhe a garganta acabando por esganá-la. Quando a vê sem sentidos arrasta-a pelos pés para a floresta. Com a foice que a menina levava na mão e que lhe tinha servido para cortar a erva, dá-lhe dois profundos golpes na garganta acabando por matá-la.

Os anjos do céu velaram pelo anjo na terra. Nem antes nem depois da morte, o demónio manchou aquele templo do Espírito Santo.

O assassino arrastou-a 30 metros de distância para dentro da floresta o corpo da virgem-mártir. Deitou-o de bruços e cobriu-o com ramos de pinheiros secos. A cinco metros de distância escondeu a foice ensanguentada pondo-lhe por cima musgo e uma pedra.

Para despistar, meteu-se no comboio das 13,30 e veio para a feira de Santo António de Vila Real.

†

José Simões

FALECEU

Agradecimento

Sua Esposa, Isaura da Encarnação Pintassilgo Simões e família, vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam neste doloroso transe, e bem assim a todos aqueles que de qualquer modo manifestaram o seu pesar.

Farelo, 30-X-1968.

Como as mãos estavam muito aranhadas calçou umas luvas.

Os pais que andavam a regar os campos, chegam a casa por volta das 3 horas da tarde. Ao verem que a filha não aparece, procuram-na aflitivamente até ao escurecer. Toda a aldeia é alertada. Mais de 500 pessoas, que conheciam e estimavam a Ana Delfina como filha, buscam-na amarguradamente com ansiedade.

O assassino, que tinha voltado da feira, era quem mais ansiosamente fingia procurar a menina.

Cerca das duas horas da madrugada interrompem-se as buscas. Ouve-se subitamente um grito: Morta! está ali!

A 1.500 metros da casa paterna via-se um monte de caruma. O corpo estava de tal maneira encoberto que o pobre pai por ali passou várias vezes sem conseguir descobri-lo.

Mãos enervadas escavam a floresta e aparece o corpo ensanguentado da rapariguita.

A angústia e gritos de dor dos pais e pessoas de família, ao darem com a morta, não se descrevem.

O réu confessou arrependido o crime e está agora preso na cadeia. — Foi a hora do diabo! — diz ele. E realmente só o demónio o podia levar a tão grande crime.

O corpo de pequenina mártir foi levado para o hospital de Vila Real, onde lhe fizeram a autópsia. O enterro no dia seguinte transformou-se num triunfo. Incorporou-se toda a gente de Fortunho e das aldeias vizinhas em homenagem à nova mártir da pureza.

No céu as virgens contavam mais uma irmã, os anjos mais uma companheira.

Que o exemplo de Ana Delfina, flor de inocência, nascida e criada na nossa terra, entusiasme as raparigas a amarem como ela a pureza e a defenderem-na mesmo à custa da própria vida.

Que no meio da podridão do mundo actual despontem açucenas de pureza e que o seu intenso perfume se derrame pela terra e suba também ao céu!

(De «A Cruzada»)

Nova Fábrica para açúcar de Beterraba

Tradicionalmente, em Portugal o açúcar que utilizamos é o de cana.

No entanto, o desenvolvimento populacional, o incremento das exportações, que se torna cada vez mais necessário, e a rentabilidade da produção de beterraba sacarina, parecem aconselhar que se dê a esta cultura industrial mais atenção.

Assim, a cerca de 23 quilómetros da Figueira da Foz, em Santarém, foram adquiridos terrenos para neles ser instalada uma fábrica de açúcar de beterraba. O custo desta unidade será de 300 mil contos.

Os terrenos ocupam uma área de 205 mil metros quadrados.

Para estudar problemas técnicos relacionados com esta organização, estiveram já nesta cidade os engenheiros Plonovier, de França, e Fernandez Cabral, de Espanha.

Procede-se também à organização do cadastro dos terrenos adquiridos e ao estudo do desenvolvimento da cultura da beterraba nos terrenos da região.

Povo Unido em prol da sua Igreja

Queremos referir-nos ao povo da freguesia de São Tiago da Guarda (Ansião).

Decidiu o seu pároco sr. Padre Manuel Ramos, sacerdote jovem e dinâmico, lançar-se no grandioso empreendimento de construir uma nova igreja. A obra projectada é orçamentada em 2.000 contos.

A campanha iniciou-se no princípio deste ano. Pois, segundo temos no seu boletim paroquial «Luz», a subscrição atinge já cerca de 400 contos!

E sem dúvida admirável.

Quando o povo verdadeiramente quer, e se une por uma nobre causa, é extraordinário.

Por este caminhar, São Tiago da Guarda fará a sua igreja!

Parabéns e à frente!

O ALCOOLISMO — OS SEUS PERIGOS

— O abuso do álcool diminui as resistências do organismo, tornando o indivíduo acessível a todas as doenças. O álcool origina em vários órgãos, que provocam muitas vezes a morte.

— O alcoolismo ocasiona doenças mentais que podem ter um desenlace fatal, ou obrigarem o alcoólico a um internamento para o resto da vida num hospital psiquiátrico.

— Mesmo sem aparecerem doenças físicas ou mentais, o alcoolismo crónico provoca uma progressiva degradação do bebedor que o arrasta para uma vida miserável.

— O alcoolismo, diminuindo a capacidade de trabalho, acaba por ocasionar a perda da profissão. O álcool provoca acidentes no trabalho, que fazem perigar a segurança do bebedor e a dos que estão dependentes da sua actividade.

— O alcoólico não só se destrói a si próprio, como à sua família. O baixo nível moral e económico da família dos alcoólicos impede a educação dos filhos e a manutenção da lar.

— Por acção do álcool o indivíduo passa a ter um comportamento anti-social, sendo capaz de cometer crimes que ficarão para sempre a manchar a sua vida.

— Todos que bebem em excesso não se podem esquecer que por esse meio estão caminhando para a miséria, para o hospital ou para a prisão.

Da Liga Portuguesa de Higiene Mental

Tragédia à luz do luar na curva da morte

Transcrevemos do «Diário de Notícias» o relato dum trágico desastre ocorrido na Sarzedela (Ansião):

ANSIÃO, 28 — Quem anda por estas estradas da província, muitas vezes terá encontrado, o mais imprevisivelmente, bailes «armados», com música e altifalantes. Mas isto acontece, sobretudo, a horas do dia ou, então, à noite mas com iluminação avisadora.

O que ontem se passou em Sarzedela, deste concelho, foi, porém, o imprevisível e o inédito.

Domingo prolongara-se até às 3 da madrugada. O que não era muito de admirar. Houvera um casamento, com festa rija, e os convidados, contentes, alegados pela alegria dos noivos, não cabendo em casa destes, tinham vindo para a estrada, «armando» um baile. Grupos de homens, mulheres e crianças de todas as

idades, aproveitando a noite enlaurada, tomavam toda a estrada, sobre uma curva perigosa, uns dançando, outros «petiscando» ou simplesmente conversando!

Quem podia, àquela hora em que todo o bom cristão deve dormir, passar ali pela estrada? E a estrada era deles, toda deles, os animados convidados da boda.

Foi, então, que, de repente, abafado o roncar do motor pela alegria das cantigas, surgiu na curva o monstro, a camioneta.

Ao deparar com tanta gente, surpreso (terá, antes da curva, feito o sinal de luzes?), pois também ele tinha por boas horas de descanso as 3 da madrugada, o comerciante Armindo Mendes, residente em Santiago da Guarda, travou em força, derrapou, sem evitar o pânico, antes aumentando-o. Na marcha descontrolada, quinze festivos convivas destas «bodas de sangue» foram colhidos. Desses, faleceu ali mesmo Inocência Augusta da Silva, de 76 anos, natural da Fonte Galega, e moradora em Sarzedela. Dos restantes (mais ou menos feridos) seguiram para os Hospitais da Universidade de Coimbra o agricultor Acúrsio Fernandes, de 35 anos, natural de Ansião e residente no lugar de Além da Ponte, António Mendes Firmino, de 44 anos, canteiro, Maria de Fátima Freire, de 14 anos, Ludovina da Conceição Dias Firmino, de 33, operária fabril, e Robertina da Paz Pires, de 27, todos eles residentes em Sarzedela. Todos, também, baixaram à enfermaria, em Coimbra.

†

Agradecimento

Gracinda Nunes da Conceição, Basílio Marques Simões e restante família, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram, ao longo da doença da sua querida filha, Maria Filomena da Conceição Marques, bem como, a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada.

Águas de Castelo de Vide

MINEROMEDICINAIS

GASEIFICADAS E DE MESA

Peca-a e verá a razão da sua preferência

De alto valor diurético é indicada nas deficiências dos aparelhos DIGESTIVO, FÍGADO e RINS

À venda nos bons estabelecimentos

PEDIDOS A

JOSÉ SIMÕES MENDES

TELEF. 69

Carvalho de Pussos

ALVAÍZERE



Para quê tanta pressa?...

Atravessamos uma época, em que o tempo, parece ter perdido dimensão!

Não há tempo para nada! Os dias somem-se uns a seguir aos outros, têm as mesmas 24 horas mas, não prestam para nada! Todos andamos empenhados numa louca correria, à procura tantas vezes daquela felicidade que, cada dia está mais distante.

Consciente ou inconscientemente, vamos deixando correr o tempo vertiginosamente, vamos envelhecendo, criando rugas, convencidos de que, de outra maneira, não chegamos mesmo à meta desejada!

Mas, afinal, para quê, tanta pressa? Para quê, uma corrida tão veloz, sem deixarmos lugar para uma pausa, para uma réstia de fantasia, para uma migalha de sonho?

Para onde caminhamos nós, a correr sempre, desta maneira, e sem tempos vãos para nada?

É sem dúvida por esta errada noção de felicidade, que nós imaginamos impossível de atingir, e a maior parte das vezes, porque nos esquecemos que Deus existe, e nos deixou imensas coisas belas, em que vale sempre a pena meditar!

Céus luminosos de Primavera, montanhas cobertas de neves alvissimas, em perpétuo noivado, flores deslumbrantes de colorido e de perfume, chilreios de aves em busca das alturas, a serenidade duma perfeita vida de família, o mundo deslumbrante das descobertas científicas, o sorriso luminoso duma criança! O calor da amizade, a certeza magnífica duma vida eterna, para as almas grandes de fé, deviam ser motivos suficientes, obstáculos sérios, em que nós nos devíamos deter, um pouco mais!

Mas, porque somos os eternos ambiciosos, porque fazemos da vida uma tabuada, em que às vezes só contam lucros e cifrões, em que os assuntos e as preocupações se amontoam, o tempo não chega para nada. Falta sempre, e até as horas parecem ter menos minutos.

Quando nós nos convenceremos de que realmente a vida terrena é um episódio breve, e que para além dela nos espera uma eternidade sem fim, que temos de preparar calmamente, então teremos encontrado o caminho da serenidade e da paz desejadas.

Nós, as mães de família, temos neste capítulo uma enorme responsabilidade. Nas nossas mãos o Senhor colocou essa tarefa delicada de ajudar a formar almas para o Céu.

Não passemos apressadamente a nossa mão pela cabecinha dos nossos filhos, num gesto simbólico de ternura. Façamo-lo sim sem pressas, meditando a cada momento na missão que nos foi confiada, e não tenhamos pressa de chegar ao fim, porque hoje como antigamente, os dias têm as mesmas horas, e afinal o homem quanto mais corre, mais longe se encontra da felicidade que ambiciona!

CURSO DE PROMOÇÃO FAMILIAR

Está a decorrer em Avelar, um curso de promoção familiar, subsidiado pelo Ministério das Corporações e pela Fábrica Fiandeira desta localidade.

Pelo alto interesse de que se reveste na valorização das operárias fabris, auxiliando e completando a sua preparação para futuras esposas e mães de família, saudamos, deste canto de «Lar e Família» a ilustre Assistente Social sr.^a D. Arlette Carmo e todo o conjunto de pessoas que deram o seu entusiasmo e a sua colaboração para o tornar numa realidade.

Oxalá as nossas raparigas saibam corresponder e apoveitar esta bela oportunidade de se enriquecerem, para a nobre missão que as espera na vida extra-profissional.

CUIDADOS A TER COM O BÉBÉ

Chamamos a atenção dos pais,

e mães de família, dos Ex.mos professores primários, para a necessidade de promoverem a vacinação das crianças dos 6 meses de vida até aos 14 anos, contra o terrível vírus da Poliomielite (Paralisia Infantil).

A Direcção Geral de Saúde lançou um apelo dramático há poucos dias. Ainda temos no nosso país muitas crianças desprotegidas, sem a respectiva vacinação. São apenas 3 gotas de um líquido adocicado, que não provoca reacções, nem causa dor, e se houver cuidado em aplicar as 3 doses, ficarão protegidas contra uma doença terrível, que pode matar ou inutilizar fisicamente a criança para toda a vida. É gratuita a aplicação.

Nos postos de vacinação, nas Delegações de Saúde, nas farmácias, fornecer-vos-ão todos os esclarecimentos necessários para a poderdes usar. Que ninguém deixe de vacinar os seus filhos!

TAISS

NO MUNDO DO TRABALHO

MINAS DE GESSO DO BAIRRO

em cuja exploração se empregam dezenas de Operários

Com andar lento, respirando o suave afago duma saudável brisa, assim vencia o quilómetro que me separava dum solo cujo interior se encontra recheado duma matéria-prima, riquíssima.

Cachos que desenvolvem o doce sumo de Baco, árvores que patenteiam a beleza da sua frondosidade. Catorze horas do dia 30 de Setembro.

Aqui uma casa acampada de alvura luzidia, além uma construção de antanho de face já marcada pelos anos, mais além ainda um cenário lindíssimo atapetado a manchas verdes que se ergue, abraçando o escondido brando dum azul celeste: um recanto capaz de causar aval a muitos canteiros do jardim universal que Deus criou.

Era envolvido nestes horizontes que me dirigi até junto dos homens que trabalham oito horas por dia na exploração de algo que a maioria de nós já talvez utilizou, ignorando porventura o trabalho dos braços que diariamente se entregam a tal tarefa que, certamente, imprime certa aceleração na marcha do desenvolvimento e do progresso — a exploração de gesso.

Estávamos no Bairro, a um quilómetro de Chão de Couce.

Dirigi-me em primeiro lugar ao local de trabalho da Firma «Marques & Filhos», onde interrogámos o mestre-de-obras:

— Qual o seu nome?

— Joaquim Toscano. Estabelecimento em Vendas de Maria (Macãs de D. Maria).

— Há quantos anos trabalha nesta obra?

— Há nove anos, na exploração de gesso.

— Como se faz a exploração do gesso?

— Aberto um poço, escavam-se galerias seguindo-se o rabo das ondas de gesso encontrado. Das galerias, por meio de vagonas transporta-se o gesso para a mina vertical que, por sua vez, através do balde puxado pelo guincho para a superfície, é despejado em vagonas. Através de linhas de ferro irá para local apropriado onde será submetido a escolha.

— Qual o critério na escolha do gesso?

— Há gesso de 1.^a classe e de 2.^a classe, oferecendo o primeiro maior utilidade.

Escolhe-se a pedra mais branca retirando-se os agregados estranhos.

— Quais as maiores dificuldades que enfrentam no vosso trabalho?

— Vencer o terreno, porquanto o piso é bastante seguro.

Quanto à água, das minas, estamos munidos de motores eléctricos com potências de dois a dez cavalos que as despejam para o exterior; no inverno tivemos precisamente sete bombas a tirar água permanentemente.

Há também um certo receio infundado por este trabalho. Se atentarmos bem, o maior número de vítimas da Sociedade ocorre precisamente nos desastres de viação, não se tendo verificado neste género de trabalhos qualquer sinistro.

— Acha privilegiado o subsolo do Bairro (nome do local da exploração) em relação a outros onde se façam semelhantes explorações?

— Sim. É privilegiado em rela-

ção aos outros locais, uma vez que o gesso no nosso subsolo tem alcançado maior consumo no mercado, em virtude da sua maior clareza e dureza.

Com o gerente desta firma estive também alguns momentos. Trata-se do sr. António Simões Marques, que com desvelada soli-

Entrevista ACÍLIO ROCHA

citude respondeu às nossas perguntas:

— Crê que haja algum receio por este género de trabalho?

— Qualquer receio que porventura houvesse seria infundado; embora este trabalho pareça aos operários estranho à primeira vista, depois de experimentado não querem outro; e preferem na maioria trabalhar nas galerias, uma vez que a temperatura do subsolo é sempre normal, ou seja, fresca de verão e quente no inverno, em relação a nós.

— Como foi descoberto este filão de gesso?

— Precisamente quando se abria um poço de água, apareceu uma qualidade de pedras brancas, desconhecendo-se porém a sua natureza. Um engenheiro que a examinou começou a explorá-la a céu aberto; desistiu, porém, porque esse método era bastante caro. Foi mais tarde com a vinda da Luso Industrial Mineira, Sociedade In-

— Sim. Gosto do meu trabalho porque é leve.

Atraído pelo barulho do guincho, dirigi-me a António Dias da Silva, 16 anos, de Figueiró dos Vinhos:

— Qual é o teu trabalho?

— Manejar o guincho, principalmente ligar e desligar.

Apenas terminou de responder, o trabalho chamou-o a despejar o balde cheio de pedras para a vagona.

— Mas... onde tens trabalhado e há quanto tempo trabalhas aqui?

— Tenho trabalhado sempre aqui e há um ano.

O Manuel da Conceição Pimenta, de 37 anos, também de Figueiró dos Vinhos, foi depois o nosso interlocutor:

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há três anos.

— Gosta do seu trabalho?

— Sim. Acostumei-me a este trabalho e já não quero outro. Sei ainda que é um serviço muito útil para a Sociedade.

Durante o tempo em que aguardávamos dois mineiros que trabalhavam nas galerias subterrâneas, olhávamos o sorriso que despontava dos lábios dos nossos operários que, prosseguindo na marcha do seu trabalho, eram assaltados de quando em vez por perguntas inspiradas pela nossa curiosidade.

O primeiro mineiro que abordámos foi o Manuel Marques das Neves, de 29 anos, da Ribeira Velha.

— Há quantos anos trabalha aqui?

— Há três anos.

Gosta dele?



Um aspecto da entrada para uma Mina no Bairro (próximo de Chão de Couce).

dustrial da Várzea, que explorando o gesso por meio da lavra subterrânea, se deu especial incremento a esta exploração.

— Qual o destino e utilidade deste mineral?

— Normalmente segue para Lisboa, Porto ou Torres Novas. É moído, cozido a uma temperatura de 140-170 graus centígrados e ainda filtrado em pó fino.

O gesso utiliza-se principalmente para construções, em rebocos, no cimento, para placas de estafe, para a filtração do vinho e tem ainda aplicações medicinais e na escultura.

Não quisemos terminar o nosso encontro com a firma «Marques & Filhos» sem estar um pouco com os seus operários.

E... dirigi-me àquele que mais aparentava certo ar de mocidade:

— Como te chamas?

— Albino Pereira Godinho, e moro nas Vendas de Maria. Tenho treze anos e trabalho aqui há seis meses.

— Gostas do teu trabalho?

— Sim, porque depois recebo o meu salário. Já trabalhei numa cerâmica, mas prefiro ser mineiro.

O nosso último interlocutor foi o mineiro Mário Simões, de 46 anos de idade, da Tojeira:

— Há quantos anos trabalha nesta empresa?

— Trabalho já de há três para quatro anos.

— Qual o género do seu trabalho?

— Arrancar a pedra nas galerias com um motor eléctrico — o broquim.

Deixámos assim estes homens que através do seu trabalho diário, enriquecem o património social, beneficiando-nos a todos.

*

Quisemos estar também com outra empresa congénere — a «Sival», uma vez que esta companhia já de há muito se dedica a esta tarefa na nossa região.

(Continua na pág. 7)

CERTAS CANÇÕES... ESTES TEMPOS... ALGUMA JUVENTUDE

SURTIU por aí, uma Canção que diz: «Três coisas há nesta vida: saúde, dinheiro e amor.» Com tudo, sem querer ofender ninguém, atrevo-me a inverter alguns termos e a mudar outros.

Direi também que três coisas há nesta vida; saúde, Amor sim, mas Amor com maiúscula, e compreensão... Ainda mais. «Se tivermos estas três coisas não necessitaremos de mais nada para construirmos o Céu na Terra.

«Saúde, dinheiro e amor?» São todos eles valores que não devemos desprezar, lá isso são! Mas põ-los como essenciais nesta peregrinação da terra, é esquecer-nos da nossa condição de caminhantes.

A saúde é um dom de Deus de que todas as etapas da vida beneficiam. Os jovens saudáveis podem atirar-se a concretizações de grandes e belas empresas... Mas aí! Quantos e quantos não ousam devastar a saúde e arruinar-se para sempre. É portanto critério da razão usar os dons de Deus conforme a sua finalidade. A saúde para melhor servirmos a Deus. O dinheiro, para realizarmos a vida de acordo com o fim que nos espera. É portanto, meio, e não fim. O amor deve sempre relacionar-se com o Eterno Amor. Só aí, terá a sua verdadeira e esplêndida realização. O amor só é concebido, na medida em que nos leve a amar mais a Deus e aos homens por Amor d'Ele. Então sim, que poderemos cantar a solto pulmão este hino eterno, mas sempre jovem, que é o Amor de Cristo. Deste modo valerá a pena ser-se jovem. Valerá a pena viver-se a vida com tudo o que ela

nos exige e comporta. Cristo não nos exige mais. Ele disse àquele jovem do Evangelho: «Vende tudo quanto tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro nos Céus. Depois vem e segue-Me». (Luc. 18, 22). Aquele jovem ficou perturbado porque estava demasiadamente apegado ao seu egoísmo. A juventude também é egoísta. O pior que vemos na nossa juventude é este falso dilema:

«Se não vivo agora a vida com tudo o que ela tem de belo, de agradável e de apetitoso, quando vou vivê-la? O jovem que se dá ao luxo de assim pensar e agir, é um jovem fracassado... A juventude não é sinónimo de libertinagem. Infelizmente, estes dois termos, muitas vezes, confundem-se. Há que banir da mentalização derrotada dos jovens, esta concepção da vida. A vida tanto mais será vivida, quanto se aproximar do seu Autor.

Como se consegue? Levando

(Continua na pág. 6)

O sapo atleta

Perguntei um dia
Ao sapo do campo
Porque não saltava
Um certo barranco.

Querendo competir
Co'a outra bicheza
Que dava pinotes
Com grande presteza,

O sapo calou-se
E à sua maneira
Foi-se preparando
A semana inteira.

Chegado o domingo
Nas barbas do mundo
Saltou para a frente
Mas caiu no fundo...

—Então, senhor Sapo
Que maneiras essas?
Suspirando disse:
—No que dão as pressas!

SIMÓNIDES

À Maria Donzília

Nos confins do teu passado
Deslizando como o glaciar.
No deserto da tua face
Longínquo e estranho,
O vacilar do teu olhar
Sobre os penhascos permanece.
E na distância do teu ser,
Em que o tempo é volátil,
Tu voltas a sorrir!

QUIM JOÃO

Setembro de 1968.

Amarras...

Quando debotarem
Na junção do horizonte,
As nuvens sanguinolentas,
O que serei?
Quando os elos das correntes
Se quebrarem,
Serei livre,
Viverei.

J. MONTEIRO

Julho 1968.

CARTA ABERTA

a BRIGITTE BARDOT



Cara Brigitte,

Milhões de mulheres e de homens olham para si. Por causa dos seus olhos, dos seus lábios, do seu andar, da sua silhueta, da sua graça natural, da sua sinceridade, do seu amor pelos animais, e de muitas outras coisas, você soube bem seduzi-los. Inumeráveis são as que sonharam parecer-se consigo! É um facto! Você não pode ignorá-lo! Mesmo se você se escondesse hoje dos fotógrafos!

Você se tornou um «ídolo». Pode ser que não o tenha procurado. Mas aconteceu! Toda via você consentiu-o expondo-se às câmaras. Toda a celebridade tem o seu prêmio e este prêmio é uma enorme RESPONSABILIDADE.

Em oito minutos, em Las Vegas, ei-la novamente casada!... Não pertence mais ao sr. Vadim, nem ao sr. Charrier, nem ao sr. Zaguri; você é do sr. Sachs. Em oito minutos, dizem-nos os jornais, vocês «juraram fidelidade para a vida»...

Pois bem, você fez saber publicamente que não tornariam

mais a casar. Mas, como o relata «Paris-Presse» você julga que «sômente os idiotas não mudam de opinião»... E se amanhã aparecer um novo de quem hoje ignora a existência... casar-se-á novamente?

O sr. Sachs deverá, por sua vez, repetir a exclamação que foi, parece-me o do seu último «chevalier servant», sr. Zaguri, tomando conhecimento de seu recente casamento: «É uma brincadeira!»?

Ah! Brigitte, aos milhões de olhos que a vêem e se interessam — como poderia ser de outra maneira? — por isso que faz, eis o que demonstra: o amor transformado em brincadeira.

Você dirá que sua vida privada não pertence senão a si, e azar daqueles que se encomendam com isso! Não. O casamento é um acto público. Agora chama-se sr. Sachs, depois de ter tido vários outros nomes. E está patente ao mundo, aquilo que você, hoje, desejava ou não. Quando intervem na televisão em favor dos animais está plenamente com a razão e todos a apreciam por isso. A sua influência apoia-se na admiração deles e na sua própria celebridade.

Mas esta mesma admiração e esta mesma celebridade, impedem-na de «fazer o que quiser».

Certamente há os que podem com toda a lucidez distinguir o ídolo admirável da tela e a mulher de todos os dias que leva a vida como bem entende e que não é preciso imitar. Mas há os outros, que procuram alguém para imitar na sua vida, e que

(Continua na pág. 6)

O JOVEM E A RELIGIÃO

«Para um cristão não se trata de sair do mundo ou recusá-lo, mas é necessário aprender a julgá-lo bem para melhor o construir.

A história do nosso tempo é uma história em que Deus está em acção.

Não há duas histórias do mundo, tal como não há duas histórias na nossa vida — uma religiosa e outra profana.

A Igreja não é um negócio clerical.

Ela não é um refúgio contra a infelicidade que existe no mundo. A Igreja é o povo daqueles que pela fé em Cristo, sabem que o mundo foi salvo do ódio e da divisão, daqueles que por graça conheceram Deus e a Boa Nova da paz, da felicidade e da caridade.

Tereis vós reconhecido sob a sua verdadeira face, esta Igreja que após o Concílio marcha ao ritmo da história do mundo, partilhando as suas esperanças tal como os seus receios?

Ela é fraterna e está muito próxima, na pessoa do amigo cristão ou na familiaridade de uma comunidade de jovens.

A Igreja é cada um de nós, que acreditamos na palavra de Deus e que somos reunidos pelo seu Espírito. A Igreja sois vós, jovens cristãos, que entre os vos-



sois colegas, crenças ou não crenças, estais prontos a manifestar a esperança que está em nós por causa de Jesus Cristo.

Ora, vós bem sabeis, que o mundo dos jovens tem necessidade da vossa mensagem. Para todos, vós sois o fermento, o sal da terra, segundo as imagens evangélicas. E esta exigência não é nem acessória nem facul-



PAULO VI E A JUVENTUDE

Pronunciando-se sobre a «normal oposição da juventude» contra a hipocrisia convencional, Paulo VI declarou:

«Muito do desassossego da juventude mundial tem um carácter positivo e valoroso e a igreja católica deve reexaminar toda a questão. O «irrequietismo» da juventude é frequentemente uma «revolta contra a hipocrisia convencional» e não um «não ajustamento à mediocridade psicológica, moral e espiritual» do mundo. Mas não me refiro «às recentes revoltas estremistas, cujos excessos só merecem censura», mas sim à «normal oposição da juventude».

Mais adiante afirmou:

«Não é verdade que a juventude contemporânea é apaixonadamente devota à verdade, à sinceridade e à autenticidade?», perguntou o Papa. Não haverá no seu desassossego uma revolta contra as hipocrisias convencionais, de que a sociedade de ontem enfermou com frequência?

E não será a sua reacção uma revolta contra a ordem tecnológica e burocrática, contra uma sociedade sem ideais humanos verdadeiros e elevados? Não será talvez um desacordo psicológico contra a mediocridade moral e espiritual e uma insuficiência religiosa de carácter sentimental e artístico?

tativa. Esta exigência marca profundamente a vossa vocação de cristãos.

Sede verdadeiros para convosco e também para com os outros. Responder à vocação não é representar uma personagem — mesmo que fosse a de um cristão; é tender humildemente a ser o que Deus quer que vós sejais, com todas as capacidades e as misérias que provêm da hereditariedade, do carácter, da experiência adquirida e dos mil acontecimentos que marcam uma existência humana».

Da Carta pastoral aos jovens de Paris de Mons. Veuillot

O convívio

entre rapazes e raparigas
deve ser natural

Quanto a mim o convívio entre rapazes e raparigas deve ser natural e baseado no respeito e sinceridade mútuas para que possa haver uma intimidade sã.

É necessário que os rapazes vejam nas raparigas pessoas com quem possam conviver e dialogar e não «coisas» com quem possam brincar maliciosamente.

Eu conheço bastantes jovens, mas amigos no verdadeiro sentido da palavra, tenho poucos. No entanto, a amizade com esses poucos desenvolveu-se devido à sinceridade e ao apreço entre nós.

Claro que o conviver com eles ajuda-me muito a conhecê-los e a conhecer-me melhor, visto haver da minha parte um espírito de observação nas atitudes, conversas e reacções deles. Também acho importante que troquem impressões sobre problemas comuns a uns e outros.

FERNANDA

(Do jornal «Juventude Operária»).

Crónica da Aldeia

(Continuado da pág. 1)

bater-lhe as pernas com urtigas! Tal outro arreara de melancolia, coisa que os familiares atribuíam a mau espírito? Que observasse com atenção o riso das pessoas, se era em a, ou i, ou qualquer outra vogal, sonora ou surda; e que se deixasse contagiar dos risos abertos e alegres, e nunca dos fechados e tristes. A outro ainda, que andasse pasmo e abstracto, de algum ramo de ar que lhe dera, receitava um misto de várias ervas, para o obrigar a catá-las por prados e montes, a pôr assim os olhos no concreto, a descer cá baixo à terra firme.

As ervas e os outros simples e drogas eram escolhidas e doseadas segundo os efeitos requeridos. Os remédios mais operativos e eficazes constituíam segredos e estavam devidamente catalogados. Assim, para amostar, o lixo branco da sardanisco era o segredo n.º 12.

Com isto, chegou às nuvens a fama do Carriço, a pontos de o Bruxo das Chãs ver imminente a sua ruína e todo o seu futuro a ir pela água abaixo. Urgia, pois, quebrar as armas ao adversário, antes que ele tomasse mais fôlego, e para isso resolveu-se a batê-lo em campo raso, no largo da feira, onde o Carriço já de há tempos abria consulta.

Dito e feito. Na hora asada, chega-se a ele de rompante, e desfeca-lhe à queima-roupa um olhar de espetos, ervado e penetrante, com a danada intenção de lhe ferrar um mau olhado sinistro, capaz de deixar o homem liquidado para toda a vida.

O Carriço, porém, adivinha, do a manobra, encorajou-se de ferro, firmou-se bem nas plantas, e ripostou com um fito de olhos ainda mais acutilante e ervado duma intenção ainda mais maligna.

Fixaram-se assim uns momentos, ferozmente, figadalmente, e nada! Já fizestes vós cair um eucalipto com os olhos? Pois

nem eles fizeram qualquer abanão um ao outro. Menos efeito, que a chuva numa estátua!

Frustrado nos seus intentos, volta o das Chãs para casa, todo ensopado no fel do desgosto, com o ânimo arrastado pelo chão, e rogando infinitas pragas ao Carriço, que fariam nele atroz estrago, se não fossem apenas, como eram na realidade, tiros de pólvora seca.

Desde aí, apoderou-se do homem tal cisma, que lhe pôs a cabeça num labirinto. Por vezes, até já nem ligava coisa com coisa, e sentia macaquinhos no sótão...

Experimentou então os seus bruxedos, mas nenhum deles pegava. Repetiu as benzeduras, mas tudo em vão.

Descorçoado, e não vendo outra saída, manda por fim um próprio a pedir ao rival paz e remédio — que desculpasse, que não queria de modo algum atravessar-se-lhe no caminho — e outras falinhas assim de veludo.

Era isto para ele uma grande rebaixeza, mas a necessidade tem cara de lei. Com o pedido de remédio, ia também um presentinho de rojões, que sabia ser o fraco do Carriço e o seu melhor estimulante em invenção de mezinhas.

Ouvira este a exposição do acaque, temperada com palavrinhas doces, resfolgou satisfeito, e respondeu muito cheio, triunfalista:

— Que lave a cabeça com sabão activado, de tripla acção. Sete colherinhas do dito, em água benta, da boa, e aí tem a receita. E que se deixe dos seus feitiços e bruxarias, se não quer ver o diabo a quatro!

— Esteja descansado, que eu lá lhe direi tudo, tintim por tintim. E obrigadinho! Quando for preciso, já sei a que porta vir bater.

— Pois venha. Sempre às ordens. Mas não se esqueça dos rojões, que se dão muito bem com o meu estômago e me acendem luzes novas na cabeça!

Voltou o homem com a recei-

Pela IMPRENSA

«SERRAS DE ANSIÃO»

Comemorou o seu aniversário, entrando no 4.º ano de vida, o quinzenário regionalista que se publica na sede do nosso concelho, «Serras de Ansião».

Sempre entusiasta pela região que serve este periódico há muito se impôs pela dignidade com que se apresenta.

Na pessoa do seu distinto director, sr. Dr. Vítor Faveiro, saudamos, com os nossos parabéns, todos os que nele trabalham.

«O DEVER»

Perfez 39 anos de vida o semanário «O Dever», da Figueira da Foz que tem como Director o sr. P.º Arménio Marques e como Chefe da Redacção o sr. Dr. Jorge Babo.

Trata-se, sem dúvida, de um dos melhores semanários católicos do País quer pela sua apresentação quer pela magnífica colaboração que inclui variadas secções de muita actualidade e grande nível.

Daqui saudamos e felicitamos, com amizade, toda a equipa de «O Dever», com votos de muitos anos de trabalho.

«BOA NOVA»

Comemorou mais um ano de vida a «Boa Nova», semanário que se publica em Cantanhede há 35 anos.

Mercê do esforço e persistência especialmente dos dois grandes obreiros P.º Manuel António Marques e Manuel Francisco Rolo, «Boa Nova» impôs-se e vai triunfando com aprumo e dignidade a bem da causa de Deus e da região que serve.

Parabéns. E que muitos mais anos conte!

ta, que logo foi aplicada à risca, e a verdade é que o padecente se curou da cisma, que nem por artes. Depois, em parte porque o mister de bruxo já lhe não rendia, e um cigalho também por medrana, abandonou as benzeduras e cataplasmas, meteu a viola no saco e foi tocar a outra freguesia.

Abel Hermínio

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Estes pontos deveriam fazer reflectir, profundamente, os cristãos.

Nós — a Igreja — somos, como há pouco referia o Bispo Vieira Pinto «o Sinal de Deus no Mundo» e, como escreveu Julien Green, «O Evangelho é o livro dos cristãos, a vida dos cristãos é o Evangelho dos pagãos».

Deus está presente nos cristãos e na sua vida, não duma maneira metafórica mas real. A doutrina do Corpo Místico de Cristo — «Eu sou a cabeça, vós sois os membros» — devia levar cada um a um sentido de união profunda com Deus e com os seus irmãos como um só corpo. Daqui deve fluir, naturalmente, uma mística de vida de fraternidade jamais igualada pelos descrentes.

Raul Follereau escreveu: «Que faríeis se um dia, amanhã talvez... ou hoje mesmo, encontrásseis Cristo?»

— Que pergunta! — pensais. É pelo menos uma pergunta inútil. É impossível encontrar a Cristo, hoje, por essas ruas!

Acreditai-me, não é impossível nem difícil. Temos a possibilidade de encontrar a Cristo em todos os caminhos. É certo que não podemos vê-lo como o via Sua Mãe, como o viam Filipe, André e Pedro, como o viam os Seus contemporâneos. Mas podemos vê-lo na mesma. Porque Cristo está ainda vivo no meio de nós. Para o vermos... e reconhecêmos basta que tenhamos os olhos abertos e tragamos na alma uma centelha de fé genuína. Cristo está no nosso irmão... PAULO, PAULO POR QUE ME PERSEGUIES? EU SOU JESUS A QUEM TU PERSEGUIES...»

Os cristãos apontados como causa da doença de muitos ateus lembram as palavras de Santo Agostinho:

«Estendei a vossa caridade ao mundo inteiro se quereis amar a Cristo, porque os membros de Cristo estão espalhados por todo o universo. Se a mais uma só parte estais divididos já não fazeis parte do corpo e se não fazeis parte do corpo já não dependeis da Cabeça. Assemelhai-vos a um homem que quereria beijar-vos na cabeça e vos pisa os pés».

A Constituição «A Igreja e o Mundo Contemporâneo» refere, aludindo ao mal que constitui o ateísmo:

«A Igreja ensina que o homem é mais homem quando se une como filho a Deus e participa da sua felicidade;

que a importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica mas antes reforça a sua execução».

«Sem a esperança da vida eterna e dignidade humana é lesada e os enigmas da vida, da morte, do pecado e da dor ficam sem solução e levam ao desespero».

É ver o caso de Antero de Quental e tantos outros que sem fé se encontram, perante os seus angustiosos problemas, em autêntico beco sem saída ou... com a saída trágica...

A par dum prudente diálogo, o testemunho vivo de cristãos, manifestado no amor, na justiça e na fraternidade é caminho seguro no qual os descrentes encontrarão a verdade.

Que os cristãos sintam essa grande responsabilidade e que os descrentes se esforcem, por seu lado na luta ao encontro do Deus vivo.

Certas canções... estes tempos...

(Continuado da pág. 5)

alguma juventude

no sector da vida em que cada qual se ocupa na Sociedade, uma integridade cristã, uma autêntica renúncia a tudo aquilo que é contrário ao Evangelho, fazendo com que outros militem no mesmo ideal.

É certo que na juventude há também valores que é necessário ter em conta.

Mas o conflito que se provoca num jovem que por um lado sente o atractivo do mundo, dos prazeres, da vida fácil; e por outro, a Verdade Eterna do Evangelho, não pode ser abafado com simples considerações piedosas.

O jovem, como aliás todo o homem, leva consigo uma bagagem enorme de concupiscência que talvez em nenhuma outra altura da vida se faça sentir tanto.

Por isso que muitos Pedagogos e Psicólogos querem ver na maior parte dos casos de delinquência juvenil um certo desequilíbrio psico-moral, próprio da idade.

Pode dizer-se que em parte é fruto do ambiente em que esses jovens lidam.

Por isso, há que dar a essa juventude inacabada alguma coisa que a torne mais atenta aos seus problemas, lhe crie uma convicção de que ela pode fazer um bem enorme, quando lançada em empresas que a sa-

tisfaçam e a encham de optimismo.

E há tantas coisas; O jovem leva em si, a alma cheia de ideais. A chama que ilumina essa alma pode reverter em dois fins distintos. Ou para entregar-se às obras que realmente encham o espírito e cimentam a vida no Verdadeiro; ou levando-se a si, e aos outros, por caminhos de libertinagem e de perdição...

A família deve ser o berço em que o jovem encontre a sua base no caminho da vida.

Além disso, deve dar-se aos jovens ocupações que lhes mate o aborrecimento, causa de tantíssimo pavor...

ARMÉNIO ROSA MEDEIROS

Carta aberta

(Continuado da pág. 5)

fazem aquilo que o seu ídolo faz na tela. Esta é a realidade, você propõe-lhes a leviandade!...

Passar de mão em mão, de cama em cama, jurar-se fidelidade pela vida «até o próximo ano», e, de tempo em tempo, chorar pelos animais!...

Quer creia n'Ele ou não creia, cara Brigitte, que Deus lhe perdoe o mal que nos faz.

M. D. Bouyer

Defenda a sua saúde bebendo

CRUZEIRO

— Sumos naturais de laranja e ananás e a inconfundível limonada gasosa «Cruzeirina»

Fabricados pela

Sociedade de Água de Luso

Agente exclusivo nesta região:

José Simões Mendes

Telef. 69 — Carvalhal de Pussos — ALVAIÁZERE



AO SERVIÇO DA VERDADE — AO SERVIÇO DE DEUS

Cada vez mais se impõe a cada cristão o dever de ajudar os seus irmãos, no caminho da Verdade.

Para que os homens se salvem é preciso conhecer Jesus Cristo. Para isso é preciso ter ouvido falar d'Ele.

Hoje, em pleno século XX, há milhões de homens, de mulheres e crianças que não conhecem Jesus Cristo.

Quem lhes há-de levar a Palavra de Deus?

Quem lhes há-de abrir as portas da fé?

Nenhum cristão tem o direito de dizer: «não tenho nada com isso!» A todos incumbe o dever de exercer o apostolado.

OBRAS DO ADRO

A obra do calçamento do Adro da Igreja foi excelente. Todos o reconhecem.

Postos à prova o bairrismo e generosidade dos filhos de Chão de Couce, presentes e ausentes, estes não iludiram. Corresponderam.

Continuamos o desfilar desta bela procissão dos bons filhos da terra, amigos da sua igreja.

Dos ausentes: António Jorge da Silva — Gabão — 100\$00; Joaquim Henriques Serrano — Lisboa — 500\$00; Albino Marques Afonso — Lisboa — 500\$00; Henrique Rodrigues Serra — Lourenço Marques — 2.500\$00; José Mendes — Rodésia — 1.190\$00; Alberto Teixeira — Oeiras — 100\$00; Henrique Alves — Joanesburgo (agora residente em Galegas) — 1.000\$00; José Eduardo da Conceição Medeiros — Joanesburgo — 200\$00; Abílio Ferreira — Brasil — 500\$; Anónimo — 2.000\$00; Dr. João Quintela — Lisboa — 300\$00.

Da paróquia: Vários donativos cuja publicação nos é impossível mas cujos nomes de benfeitores foram afixados na igreja — 3.240\$. Total recebido — 60.320\$00.

Renovamos a todos o nosso agradecimento.

VEIO A CARPETE...

Disse-se no último número desta «Voz» que a nossa igreja necessitava de uma tapete para o altar principal.

Poucos dias após ter saído o jornal recebemos com alegria, uma amável carta de Bulawayo (Rodésia) da sr.^a D. Maria José Mendes, esposa do sr. José Mendes, natural de Relves, em que se dizia:

«Acabo de receber o nosso jornal no qual vi que a igreja da nossa terra necessita duma tapete. Pois desejo oferecê-la. Peço para comprar uma das melhores e mandar a conta».

Lá está já a tapete (alcatifa) que importou em mais de 3.000\$00. Muito obrigado e que Deus lhe pague a sua generosidade, com muitas felicidades para toda a família.

...E OUTRAS OFERTAS

Da Quinta de Cima veio a oferta duma nova toalha para o altar principal. A nossa gratidão.

Alguém, anónimo, colocou na igreja um belo paramento branco com este bilhete: «Pede-se uma Avé-Maria por quem fez e oferece esta casula». Que Deus lhe pague.

NOVOS CRISTÃOS

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

— Maria Gabriela Duarte dos Santos Pinto, filha de Joaquim dos Santos Pinto e de Gracinda de Jesus Duarte, de Espinheira. Padrinhos: José Veríssimo Júnior e Maria Celeste de Jesus Veríssimo.

— Vasco Manuel Pires Franco, filho de Augusto Franco e de Lídia de Jesus Pires, de Pontão. Padrinhos: Ernesto de Sousa Rocha e Maria Ivone Pereira Antório.

As nossas felicitações.

NAS MÃOS DE DEUS

Faleceram na nossa paróquia:

— Juvenal Rosa, de 75 anos de idade, do Furadouro, casado com Maria Augusta de Jesus;

— Luís Simões, de 70 anos, de Terras Grandes, casado com Rosa de Jesus;

— Olinda Augusta, de 78 anos, de Casal de Baixo, casada com José Medeiros;

— Francisco José, de Casal Soeiro, de 88 anos, casado com Maria José de Jesus;

— Maria Augusta Ventura, de Cabecinho, residente em Chão de Couce, solteira, de 84 anos.

Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso.

Os nossos pêsames às famílias.

CATEQUESE

Recomeçou a catequese que é dada semanalmente às crianças no Salão Paroquial, anexo à igreja.

— As catequistas da paróquia tomaram parte na Concentração Diocesana de Coimbra no passado dia 20 de Outubro. Ali receberam o diploma de catequista, após terem realizado o curso intensivo os jovens Arménio Rosa Rodrigues Dias e Acácio Marques.

CURSO DE FORMAÇÃO DOMÉSTICA

Na sua missão de ajudar a formação integral e elevação social da comunidade, vai a Paróquia realizar este curso.

Destina-se a raparigas e donas de casa. Decorrerá desde meados de Janeiro a fins de Março, na Quinta de Baixo, na residência pertencente aos herdeiros do falecido sr. João Faustino. Nele se aprenderão costura, labores, bordados, puericultura, enfermagem, cozinha, higiene do lar, formação doméstica, etc.. Será dirigido por senhoras do Instituto de Cooperação da Família, de Lisboa.

Uma iniciativa para a valorização da mulher. Que todas aproveitem!

MELHORAMENTOS

Está em curso o empedramento da estrada entre Amieira e cimo da Serra do Mouro. Espera-se que seja alcatroada na próxima Primavera.

— Foi alcatroada há meses a estrada de Ponte do Freixo aos Cómoros.

— Para abastecimento de água à região de Ansião foi feita uma exploração, pela abertura dum poço, na Ameixeira. Aguarda-se que se ultimem os trabalhos. Entretanto parece já estar assegurado tal abastecimento pelo caudal dos Olhos de Água.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partiram para Congo (Brazzaville) o nosso bom amigo sr. José Mendes da Silva e sua Esposa, de Portelanos.

Também regressaram a Santos (Brasil), após agradável visita à terra natal, os srs. Abílio Ferreira e esposa D. Adelaide Pires.

Vindos de Joanesburgo encontram-se entre nós os srs. Manuel Pedro (Mata de S. Jorge) e Henrique Alves (Galegas).

Regressou aos Estados Unidos da América o nosso amigo e benemérito da paróquia sr. Comendador Alberto Mendes Rosa.

Sujeitou-se a melindrosa operação cirúrgica com bom êxito, a sr.^a Ricardina Ferreira Godinho, esposa do sr. Américo Alves, do Pontão.

Foram vítimas de quedas de árvores a sr.^a Lucília Rodrigues, de Ponte do Freixo, e Adão Jorge, do Cabecinho.

Eng. Adriano Marques

(Continuado da pág. 1)

do aguardado por numerosos amigos, próximo da residência de seus pais, não faltando os tradicionais foguetes a exteriorizar o contentamento de todos.

durante o beberefe oferecido por seus familiares ergueram a sua voz, brindando pelas felicidades do novo engenheiro e de sua família e enaltecendo as suas qualidades os srs. Armando Coutinho, estudante Fernando Simões Freire de Oliveira, Pároco de Chão de Couce e Elisio Mendes de Oliveira, professor primário do homenageado e de seu pai. Respondeu o Engenheiro Adriano Marques, manifestando a todos a sua gratidão e o desejo vivo de servir no cumprimento da sua missão.

«Voz das Cinco Vilas» que se honra de contar entre os seus elementos directivos o novo Engenheiro, saúda-o com amizade, renovando-lhe as suas felicitações.

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 8)

dece-se a existência. Não há, neste caso, uma diminuição ou mutilação da personalidade; há a sua afirmação viva, num sentido dinâmico.

O homem distraído perante o máximo problema da vida! Que grande perigo nos tempos que correm!

Minas de Gesso do Bairro

(Continuado da pág. 4)

Foi com o sr. Manuel Pereira Pires, de Portelanos, mestre-de-obras desta companhia, que estivemos em primeiro lugar.

— Há quantos anos trabalha na «Sival»?

— Tenho 68 anos e há 21 anos que me encontro neste trabalho.

— E há quanto tempo a «Sival» se dedica a este trabalho?

— Há cerca de 22 anos.

— Qual o destino da pedra que explorais?

— Principalmente Leiria, Lisboa e Porto, e depois de moído e cozido o gesso será submetido a temperatura especial.

— Tendes encontrado dificuldades no vosso trabalho? Quais?

— Sim, e principalmente a água. para a despejarmos para o exterior estamos equipados com bombas apropriadas.

— Quais as esperanças que vos animam, neste vosso empreendimento?

— Estamos certos que o nosso trabalho oferece garantias de utilidade para a sociedade. E as nossas esperanças são que este nosso trabalho — saído das nossas mãos — resultará em obra-prima para as construções, de modo especial para estuques, chapas de estafe, resíduos para cimentos, etc. Também, embora o gesso se explore noutros locais do país, o da nossa região é superior a qualquer outro.

— Quais as outras regiões do nosso país onde se fazem semelhantes explorações?

— Na zona central, principalmente nos distritos de Leiria e em Coimbra e ainda em Óbidos.

Depois destes esclarecimentos que o sr. Pereira nos ministrou, quizemos colher impressões com alguns dos dos operários da «Sival».

— Qual o seu nome?

— Gracinda Fernandes Simões, de Portelanos. Trabalho aqui há dois anos.

— Qual o género do seu trabalho?

— Entre outros, britar pedra.

— Gosta do seu trabalho?

— Sim, porque sabe bem receber o ordenado no fim da quinzena.

Por sua vez, a Maria Fernanda Santos, de 41 anos, do Outeiro da Mó, disse-nos:

— Gosto do meu trabalho porque é o meu ganha-pão.

Estivemos, por último, com o Manuel da Silva Almeida, de Maças de D. Maria, que fomos encontrar a manejar o guincho.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há sete anos.

ENCONTRO COM O LEITOR

João Fernandes — Luanda — Recebemos e agradecemos a sua carta e bem assim o contributo para o jornal. Segundo averiguámos na sua ficha foi entregue igual importância no ano transacto. Muito obrigado.

Virgílio Marques — Serpa Pinto — Deseja o bom amigo o jornal «para ter de vez em quando algo de conforto da nossa terra querida».

Pois ser-lhe-á enviado o nosso jornal. Gratos.

Alberto Marques — Venezuela — Agradecemos a sua carta e a sua ajuda. Quanto a não receber o jornal é natural que se tratasse de deficiência de endereço. De futuro esperamos que tudo corra melhor.

— Gosta deste trabalho?

— Sim: Primeiro, porque é o que rende mais e também porque é útil para o mundo.

*

No fim deste encontro, a natureza era já outra. Escondiam-se já os raios solares, deixando, por mais um dia de acalantar este cenário maravilhoso do nosso torrão natal.

Resta-nos agradecer às firmas «Marques & Filhos» e à «Sival», a simpática recepção que nos grangearam, o interesse com que responderam às nossas interrogações e agradecer também aos operários a gentileza com que se deixaram abordar.

Estamos certos que serão os leitores de «Voz das Cinco Vilas» quem estarão mais gratos, porque eles, sobretudo, ficarão enriquecidos com as suas palavras.

Aclio da Silva Estanqueiro Rocha

VOZ
das **CINCO VILAS**
ORGAO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração

CHÃO DE COUCE

Telefone 191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente 20\$00

Ultramar Português e Estran-

geiro 30\$00

Por avião 60\$00

(Pagamento Adiantado)

Liquidaram espontaneamente as importâncias das suas assinaturas:

Assinantes benfeitores

Com 250\$00 — Américo Fernandes Lourenço Marques.

Com 100\$00 — José Simões — Coimbra; João Fernandes — Luanda; António Marques — Venezuela.

Com 75\$00 — Armindo Mendes — Angola.

Outroa assinantes

Alfredo Dias Coelho — Avelar; Adriano Mendes Broegas — Avelar; Albino D. Coelho — Avelar; Abílio da Costa Soares — Amieira; Alfredo Hermílio da Silva — Chão de Couce; Eduardo Dias de Carvalho — Maças de D. Maria; D. Maria Augusta Ferreira Jacob — Avelar; Augusto Pinhão — Figueiras Podres; António dos Santos Ribeiro — Lagoa da Ameixeira; Maria Helena da Silva — Maxial; Fernando de Jesus Mendes — S. P. M.; Artur Combra — Portelanos; Dr. António Duarte Arnaut — Cumieira; Alfredo Alves — Beira; Adelino Medeiros — Santos — Brasil; José Veríssimo Júnior — Espinheira; D. Esmeralda Pereira Simões Ribeiro — Pedra do Ouro; Fernando Mendes — Ramalha; João Marques — Furadouro; Manuel Francisco — Ribeirinho; Agostinho Francisco — Ribeirinho; Manuel Francisco Júnior — Ribeirinho; Manuel dos Santos — Leiria; Fernando Ribeiro — Lisboa; Manuel Neves Simões — Lisboa; Aníbal da Conceição Simões — Aguda; João António Herculan Mendes Lopes — Estados Unidos; Abílio Ferreira — Brasil (2 anos); Manuel Ferreira — Itanhaem; José Albino Nunes Marques dos Reis — Lagoa da Ameixeira; Armando Simões — Palheiros; José Alberto Mendes — Luanda; João Marques — Furadouro; Hermínia Pires da Silva — Santos — Brasil; Dr. João Maria da Costa Quintela — Lisboa; António Mendes Gaspar — Alqueidão.

Voz das Cinco Vilas

Pelo Progresso Espiritual e Social da Região

NOTA DO MÊS

O homem distraído... perante o máximo problema

A expressão de «homem distraído» não é nossa. É do Bispo Coadjutor de Estrasburgo, numa conferência à imprensa.

Falando da necessidade de apresentar a verdade cristã sob uma faceta atraente e aliciança, acentua: «o homem moderno é, fora da sua profissão, quase necessariamente distraído e superficial», «dedica tempo diminuto a ouvir a palavra de Deus» e «vive num ambiente atordoante e dissipado».

São, na verdade, observações profundas sobre a realidade do homem moderno. O ambiente em que se vive exige, mais do que nunca, um esforço sério, para que o espírito domine, o essencial prevaleça e a verdade triunfe.

Perante a velocidade e dissipação tem de ser o homem a dominar o ambiente e não o ambiente a dominar o homem.

Se cada qual não alertar a sua consciência, entrando no seu mundo interior, e não impuser a sua personalidade forte, encarando seriamente os seus deveres perante a sociedade e perante Deus, há o grande perigo de se tornar um autómato, levado na corrente da vida. Vivendo só no círculo dos seus interesses imediatos, há o perigo espantoso de se tornar um distraído mesmo do essencial, do fim para que foi criado e dos meios para o atingir.

Não é um problema que se ponha apenas aos descrentes. Ele põe-se a todos os afastados de Deus, nos quais se incluem — a contradição dos factos! — muitos católicos. Também entre estes não faltam «distraídos» para quem a mensagem cristã não é fonte de esperança e energia que alimente a vida!

Todos — e de modo muito especial estes, por exigência da sua condição — têm de meter Cristo na vida de cada dia, tornando-O presente, como exemplo e norma de acção, como Amigo, Amparo e Guia.

Quando o cristão assim viver, então a fisionomia da sua actividade enobrecer-se, os actos purificam-se e engran-

(Continua na pág. 7)

NOVEMBRO DE 1968

DESPORTOS

Secção de EMÍDIO MEDEIROS

Chão de Couce, 3 — Vila Verde, 2

Disputou-se no passado dia 20 de Outubro no nosso campo de jogos mais um encontro amigável, desta vez entre a nossa equipa e a de Vila Verde (ragueira da voz) irregularmente o sr. Padre Adriano foi parvo durante algum tempo. Para este desano as duas equipas apresentaram as seguintes formações:

Chão de Couce — Armando; Zeca, Rogerio, Jacinto e Acacio; Craveiro I e Marques; Pedro, Zé Mário, Craveiro II e Rui.

Suplentes: Luis, Ferreira, Rui Norte e Adalberto.

Vila Verde — Barracho; Amílcar, Palas, Godinho e Pincel; João e Rogério; Manolito, Tó Luis I, Pelicano e Tó Zé.

Suplente: Tó Luis II.

Este jogo, embora não tivesse primado em técnica, foi agradável de seguir, pois o equilíbrio foi a nota dominante e as duas equipas puzeram no jogo o melhor do seu esforço e do seu querer.

A equipa visitante foi a primeira a marcar quando iam decorridos 22 minutos de jogo por intermédio de Tó Luis I que deu a melhor sequência a uma excelente jogada da sua avançada. No entanto aos 35 minutos, Craveiro I marcou um livre na intermediária fazendo a bola descair sobre a pequena área onde apareceu Marques em corrida que de cabeça fez o golo da igualdade.

Na segunda parte entrou Adalberto para o lugar de Rui.

Aos 15 minutos desta segunda parte houve uma perda flagrante de Pedro que levou a bola a embater na base do poste e logo de seguida o árbitro deixou passar um penalty contra a nossa equipa. Iam decorridos 30 minutos quando Craveiro II desfez a igualdade na sequência duma bola centrada por Pedro sobre a lateral e para dentro da área de balisa. Volvidos 5 minutos depois de uma bola metida para a frente de Adalberto, Zé Mário livrou-se de um adversário e isolado atirou para a balisa, fazendo assim o terceiro golo da nossa equipa. Quase sobre a hora para terminar a partida a nossa equipa foi castigada com dois livres consecutivos na zona frontal da balisa, tendo o primeiro embatido na barreira defensiva mas o segundo marcado em arco sobre a balisa deu o segundo golo a Vila Verde que assim fixou o resultado final em 3-2 a nosso favor.

Digno de realce a presença numerosa e entusiasta do público.

Seguiu-se no Salão Paroquial, um beberete oferecido aos jogadores de ambas as equipas e falange apoio de Vila Verde que foi oportunidade de amigável confraternização e de amistosas saudações.

Pelo Campo de Chão de Couce

Últimamente realizaram-se no campo de futebol de Chão de Couce alguns amigáveis encontros entre operários fabris de empresas do Avelar: Vitorino Fino, Nunes & Brás, António Pais e Manuel Ferreira.

Tais encontros foram oportunidade muito louvável de são convívio e amigável confraternização.

A carreira desportiva de Alfredo Craveiro e a vida do Lusitano de Chão de Couce

numa entrevista para «Voz das Cinco Vilas»

A figura de Alfredo Craveiro é conhecida de todos quantos se interessam pelo desporto na nossa região, pois quase todas as equipas circunvizinhas lhe devem os seus mais altos momentos, através dos campos de futebol quer como jogador ou técnico, pois ele é um verdadeiro exemplo de longevidade desportiva pois aos 17 anos era jogador senior e hoje, com cerca de 47 anos de idade, ainda joga futebol, denotando um poder físico que é raríssimo encontrar em qualquer desportista com esta idade. No que diz respeito ao Lusitano de Chão de Couce o sr. Alfredo Craveiro tem sido um exemplo de dedicação que nunca é demais enaltecer, pois tem-se deslocado semanalmente da sua residência para treinar os nossos rapazes, só porque o futebol lhe está nas veias e é como qualquer coisa que faz parte de si próprio e a que ele tem dado o melhor do seu esforço, do seu sa-

ber e experiência através de quase trinta anos ao serviço do desporto rei. Portanto foi para que falasse da sua vida desportiva em geral e do Lusitano em especial que o procurámos começando por nos dar conta da sua biografia:

Nome completo: Alfredo Pereira Craveiro.

Data do nascimento: 27 de Dezembro de 1921.

Começámos por inquirir acerca da sua iniciação desportiva.

— Comecei a minha carreira desportiva no Sport Castelo Branco e Benfica, aos 17 anos e como senior.

— Como decorreu a sua carreira desportiva durante todo esse tempo?

— Estive oito anos no clube onde nasci para o futebol, tendo nessa altura vencido a série 13 da segunda divisão onde figuravam clubes de nomeada como o Sp. da Covilhã, Abrantes, Estrela de Portugal, etc. Fui no ano seguinte para o Sp. da Covilhã onde fui campeão nacional da segunda divisão na época 1947-48 e a consequente subida à 1.ª divisão onde estive quatro anos tendo depois passado para a Associação Desportiva da Guarda onde me mantive três anos, tendo passado depois para o Desportivo Corilhanense na qualidade de jogador treinador. Ali fui campeão distrital e ascendi novamente à II divisão. Daí, devido aos meus afazeres profissionais desloquei-me para o Avelar, onde estou à cerca de dezasseis anos, como operário fabril.

— Onde continuou a viver o futebol? — interrompemos.

— Sim, treinei a A. D. de Figueiró dos Vinhos, tendo-os levado à III divisão nacional e quando o grupo acabou praticamente com o futebol, joguei no Atlético Aveia onde estou há cerca de dezasseis anos, como secretário. Estive quatro anos em Ansião e daí passei para o Lusitano de Chão de Couce.

— Qual a sua melhor e pior recordação ao serviço do futebol?

— A melhor quando fui campeão nacional da II divisão e a pior foi num jogo no campo da Arregaça contra o U. de Coimbra onde houve quase tudo menos futebol.

*

— Quanto ao Lusitano quais as suas impressões depois de um ano de trabalho?

— Quando fui para lá ia na expectativa de maiores dificuldades no capítulo de trabalho, mas ao fim e ao cabo estou satisfeito porque os rapazes têm cumprido e creio que temos feito qualquer coisa de útil para a juventude e para provar estão os resultados conseguidos depois de tantos jogos realizados, em especial o Torneio Popular que disputámos sob a organização do Sporting de Pombal onde alcançámos o 2.º lugar e que não ganhámos por manifesta infelicidade e por dificuldades em treinar assiduamente devido aos afa-

zeres profissionais dos atletas e a falta de suplentes à altura para uma eventual lesão ou quebra física.

— Qual a sua opinião pessoal acerca do campo de jogos, massa associativa e direcção.

— A direcção tem sido de um carinho inigualável, especialmente o sr. Padre Adriano, o sr. Alberto Marques e o sr. Professor Alberto Violante, mantendo a equipa com grandes dificuldades. A massa associativa tem dado francas mostras do seu bairrismo, acompanhando sempre a equipa, incitando-a e transmitindo-lhe o seu carinho e a sua admiração, esperando-se que se ajude mais a direcção pois esta luta com sérias dificuldades para manter a equipa. O campo quanto a piso é dos melhores da região,



Alfredo Craveiro (x) com seu filho Alvaro Eugénio

embora não seja muito cómodo para o público, e os seus balneários raramente se encontra igual na II Divisão.

— Quais as perspectivas para o futuro?

— Depende da parte dos jogadores, pois eles não abundam e temos o problema de alguns apurados para o serviço militar como Armando, Zeca, Jacinto e Marques e na região não existem substitutos à sua altura, já pela sua classe, já pela sua compenetração na equipa. Há alguns jovens com qualidades mas ainda sem o calo suficiente para honrarem os pergaminhos do clube.

— Para terminar gostávamos que nos fizesse uma referência acerca do S. C. de Avelar?

— Faço votos para que a direcção que meteu ombros a esta obra, tenha força de vontade e espírito de sacrifício suficientes para conseguir vencer as dificuldades que se lhe irão deparar e vermos se é desta vez que temos futebol a sério no Avelar.

JÁ PAGOU A SUA ASSINATURA? SE AINDA O NÃO FEZ AGRADECAMOS QUE O FAÇA ATÉ AO FIM DESTES MÊS.

Quando Deus se revelou fez esta coisa inaudita: encheu o Mundo de Alegria!

Luis Evelyn